

EDUCAÇÃO E ESPACIALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESLOCAMENTOS DOS ALUNOS DA ETEC SANTA IFIGÊNIA

Franciele Miranda Ferreira Dias¹
Emerson Dylan Gomes Ribeiro²

RESUMO

A partir da discussão do conceito de espacialidade, este artigo analisou a relação socioespacial de uma turma de primeiro ano do Ensino Médio da ETEC Santa Ifigênia, localizada no centro de São Paulo. Conhecida por ser uma “escola de passagem”, essa ETEC possui um corpo discente bastante heterogêneo, com alunos residentes em diferentes pontos da capital e da região metropolitana de São Paulo. A pesquisa traçou um panorama da região ocupada pela instituição e analisou, através de um questionário respondido pelos alunos ingressantes do curso, os deslocamentos desses estudantes e as relações de pertencimento e identidade cultivadas por eles com a escola e seu entorno. Problematizando os papéis desempenhados pela escola na região e tentando compreender geograficamente a relação da ETEC com seu corpo discente, elaborou-se um mapa com a distribuição dos endereços dos estudantes e foi analisado o significado de seu espalhamento, bem como de seus deslocamentos, para melhor entender a alcunha de escola de passagem recebida pela unidade e o significado da espacialidade.

Palavras-chave: Espacialidade; ensino médio e técnico; pertencimento escolar; escola de passagem.

ABSTRACT

Based on a discussion of the concept of spatiality, this article analyzes the socio-spatial relationship of a first-year class of high school students at ETEC Santa Ifigênia, located in the center of São Paulo. Known as a "transit school," ETEC has a very heterogeneous student body, with students residing in different parts of the capital and the metropolitan region of São Paulo. Research outlines the region occupied by the institution and analyzes, through a questionnaire answered by the incoming students of the course, the displacements of these students and the relationships of belonging and identity cultivated by them with the school and its surroundings. Problematizing the roles played by the school in the region and attempting to geographically understand the relationship of ETEC with its student body, a map was created showing the distribution of the students' addresses, and the meaning of their dispersion, as well as their displacements, was analyzed to better understand the nickname transit school given to the unit and the spatiality.

Keywords: Spatiality, secondary and technical education; school membership; transit school.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho baseou-se na revisão bibliográfica sobre espacialidade e escolas de passagem associado aos resultados da monografia de conclusão de curso³, sendo a Escola Técnica Estadual (ETEC) Santa Ifigênia⁴, o local estudado, quanto à busca pela compreensão

¹ Professora Assistente no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, UNESP. franciele.ferreira-dias@unesp.br

² Mestre em História pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). emerson.dylan@unifesp.br

³ Trabalho de conclusão de curso em Especialização em Ensino de Geografia pela UNESP (Campus de Ourinhos) “Educação e espacialidade: uma análise sobre os deslocamentos dos alunos da ETEC Santa Ifigênia”.

⁴ As ETECs são instituições de ensino técnico e ensino médio pertencentes ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS). A ETEC Santa Ifigênia foi inaugurada através do Decreto Estadual n.58.060/2012, sendo que o prédio atual foi inaugurado em 2013.

da espacialidade formada a partir dos deslocamentos efetuados pelos estudantes. A justificativa permeia a peculiaridade do caso analisado: uma escola de passagem cujo corpo discente reside em pontos distantes da Região Metropolitana de São Paulo e seus deslocamentos e relações com a escola constroem espacialidades, tema importante para a Geografia.

A residência de origem dos alunos, é na maioria dos casos quilometricamente muito distantes, das extremidades da capital paulista, em bairros como Cidade Tiradentes (Zona Leste) e Brasilândia (Zona Norte); e em municípios vizinhos, pertencentes à Região Metropolitana de São Paulo (Emplasa, 2005) como Guarulhos e Franco da Rocha. Além disso, é uma escola de passagem localizada em um ponto por vezes problemático da cidade de São Paulo, o centro, cujas adjacências são marcadas pelos problemas atribuídos principalmente à Cracolândia.

Sobre o conceito de escola de passagem, França (2010) define que se trata de escolas heterogêneas em termos socioespaciais, em que os alunos frequentes moram ou trabalham longe. Segundo o autor, “isto quer dizer que os alunos chegam à escola em função dos percursos e trajetos que descrevem no espaço urbano, sendo a escola um dos momentos e nível dessa inserção metropolitana”. (França, 2010, p.243). Essas características se mostraram presentes em várias relações cotidianas na escola analisada, nas conversas entre os estudantes, nas dificuldades de se organizar um trabalho em grupo que necessite de encontro presencial, nas justificativas de atraso às aulas e nos documentos de trancamento e desistência dos cursos.

O conceito de espacialidade envolve as formas sociais singulares de apropriação e utilização do espaço geográfico que é delimitado territorialmente. Essa espacialidade é manifesta por meio de relações de produção que podem ir além das funções socioeconômicas e produtivas mais evidentes (Ramos,1982). Para Castrogiovanni (1996), a noção de espacialidade envolve a localização, a orientação, a representação e o conhecimento da natureza. O autor aborda a espacialidade e o ensino de Geografia a qual possibilita ao aluno a visão crítica da construção da base territorial. No artigo, defende-se que a relação dos estudantes da ETEC Santa Ifigênia, uma escola de passagem com a localização geográfica da mesma, gera espacialidades relevantes.

O objetivo do trabalho foi entender a alcunha de escola de passagem atribuída à ETEC Santa Ifigênia, por meio das espacialidades geradas quanto às relações dos estudantes com a escola e adjacências. Os objetivos específicos foram: a) apresentar alguns elementos sobre a estrutura arquitetônica da ETEC, situando na paisagem urbana do centro de São Paulo; b) compreender o perfil dos alunos que frequentam a ETEC; c) relacionar o programa

“Nova Luz” e a construção e instalação da ETEC Santa Ifigênia, como uma estratégia para a melhoria do bairro, que possui como elemento negativo principal, a “Cracolândia”.

2. METODOLOGIA

Realizou-se uma breve revisão bibliográfica sobre os conceitos de espacialidade, escola de passagem e a caracterização a partir do viés arquitetônico, acerca da escola objeto de estudo. O prédio da ETEC Santa Ifigênia é um elemento criado em um contexto de mudanças urbanísticas na região da Luz, e que pode ser atrelado a uma tentativa de gentrificação, conforme se discute adiante.

Optou-se por trabalhar com a turma vespertina do primeiro ano de MTEC (Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico) em Gastronomia (1º GT), devido a menor evasão escolar. Quando o levantamento de dados foi realizado, esta turma possuía trinta e sete alunos matriculados. Foi aplicado um questionário em agosto de 2024, sendo colhidas trinta e seis respostas dos estudantes, dado que um estudante havia faltado da escola na ocasião.

Foi aplicado um questionário (quadro 1), respondido manuscrito e anonimamente, sendo solicitado o endereço dos estudantes e contando com doze questões, que tratavam das formas e dos tempos de deslocamento, de aspectos positivos e negativos da escola e de seu entorno, das relações de pertencimento, além de informações acerca da escolarização nos anos finais do ensino fundamental e das ocupações dos estudantes fora da escola.

Por meio do estudo de uma turma, foi possível pensar alguns pontos em comum aos estudantes dos outros cursos da ETEC Santa Ifigênia investigando as características desta escola, objetivando analisar de maneira mais crítica a alcunha de escola de passagem. O ponto de partida foi entender suas diferenças e particularidades quanto ao lugar que ela ocupa na cidade de São Paulo. Assim, foram tabulados os endereços disponibilizados pelos estudantes, o que gerou um mapa através do programa gvSIG²⁵ a partir do *OpenStreetMap*.

Quadro 1- Questionário sobre os deslocamentos, origem dos estudantes e perspectivas relativas aos cursos da ETEC Santa Ifigênia

Questionário sobre os deslocamentos, origem dos estudantes e perspectivas relativas aos cursos da ETEC Santa Ifigênia

1 - Qual o seu endereço atual?

2 - Qual o tipo de transporte você utiliza para chegar à ETEC? Cite as linhas do metrô/trem, caso aplicável
3 - Quanto tempo você demora para realizar o deslocamento até a ETEC?
4 - Você exerce atividade remunerada? Se exerce, é próximo à ETEC? Como é esse deslocamento/rotina?
5 - O que você acha da localização da ETEC?
6 - Comente sobre as suas expectativas com o curso, você já pensou em desistir do mesmo?
7 - Quais os pontos positivos da ETEC Santa Ifigênia?
8 - Quais os pontos negativos da ETEC Santa Ifigênia?
9 - Qual a sua relação de pertencimento com a escola em que estuda? <input type="checkbox"/> gosto muito da escola e me sinto pertencente por conta do curso e dos professores; <input type="checkbox"/> gosto muito da escola e me sinto pertencente por conta da relação que tenho com meus colegas <input type="checkbox"/> gosto da escola, mas me sinto pouco pertencente, pois é muito distante da minha casa; <input type="checkbox"/> não me sinto pertencente à escola.
10 - Há alguma ETEC mais próxima da sua casa? Por que você optou por estudar na ETEC Santa Ifigênia?
11- Quanto tempo você costuma ficar na escola após o término das aulas?
12- Você chega com antecedência ou atraso às aulas? Qual seria o tempo?

Org: Autores (2026).

3. A ETEC SANTA IFIGÊNIA E SEU ENTORNO

O prédio da ETEC Santa Ifigênia pouco lembra a arquitetura tradicional das escolas paulistanas, a unidade conta com cinco andares e suas paredes são de vidro, sendo seus corredores abertos à cidade. O projeto arquitetônico destaca a unidade escolar na paisagem urbana, por trazer elementos caros ao modernismo, como o uso de brises, pilotis e amplas janelas em fita, além de um sistema de laje nervurada aparente, um grande átrio entre blocos de salas de aula e uma fachada livre (figura 1).

O prédio da escola divide, junto a outros dois prédios do Centro Paula Souza – a sede administrativa da instituição e o seu Centro de Capacitação de Profissionais –, um terreno de cerca de sete mil metros quadrados, o qual integra um projeto que fez parte de uma série de transformações urbanas ocorridas na região da Luz na virada da primeira década do século XXI. A ausência de sinal sonoro demarcando os horários de entrada, saída, trocas de aula e intervalo dos estudantes também singulariza a unidade escolar.

Figura 1: ETEC Santa Ifigênia vista da Praça Alfredo Issa



Fonte: Fotografia de Nelson Kon, Archdaily.

Os elementos da arquitetura escolar já seriam suficientes para caracterizar a ETEC Santa Ifigênia como uma “escola diferente”, mas sua localização no espaço urbano amplia a distinção da unidade em relação às outras escolas, pois localiza-se em uma região historicamente ligada ao comércio e aos serviços, com baixa a população o que faz com que seu corpo discente resida longe da escola. De acordo com Bastos, Sales e Bueno (2008) o bairro passou por um recente processo de deterioração, surgindo uma população “flutuante” e a saída da população de classe média para outras partes da cidade. As disputas territoriais pela região, capitaneadas por discussões em torno de especulação imobiliária e higienização, complementam as particularidades da escola aqui analisada.

O bairro Santa Ifigênia, pertence ao distrito da República, o qual conta de acordo com o Censo de 2022 (IBGE, 2022), uma população de 60.720 moradores, um aumento de 6,56%, (comparado ao censo de 2010, IBGE, 2010), muito influenciado pelo aumento quantitativo das unidades habitacionais que fizeram parte dos projetos de reestruturação urbana da região. Entretanto, a República figura entre os vinte distritos com a menor população da capital paulista, ainda que possua o maior adensamento populacional, com 26

mil habitantes por km. O bairro da Santa Ifigênia e o adjacente Luz são marcados por condições de extrema vulnerabilidade social e pela presença, há mais de três décadas, de concentração de usuários de drogas, a ponto de a região ser popularmente conhecida como “Cracolândia”.

Por conta deste complexo problema, a região foi objeto de inúmeras políticas públicas que tentaram, com poucos sucessos e muitos fracassos, “requalificar” os bairros. Uma das principais ações do poder público nesse sentido foi o Projeto Nova Luz⁵, levado a cabo a partir de 2007 pela prefeitura municipal e pelo governo estadual.

Uma definição geográfica do que costuma se denominar “Cracolândia” é trazida por Moraes, Freitas e Dourado (2018, p.109)⁶:

Cracolândia da Luz é um espaço conhecido pela sua deterioração social e espacial, pois se tornou uma área frequentada por dependentes químicos, conhecidos como ‘noias’, e pessoas em estado de vulnerabilidade social, que procuram por moradias a preço acessível em uma localização privilegiada. Encontra-se em um espaço central, próximo às sedes de órgãos da administração pública, escolas, postos policiais, hospitais, pontos de transporte público, cinemas e espaços de lazer. No entanto, faz parte de uma área renegada pelas diferentes escalas da administração pública, caracterizando-se por um centro degradado, prédios abandonados, serviços públicos estagnados (como a extinção/carência da limpeza urbana na área) e com um intenso fluxo de saída de seus moradores.

Segundo Gatti (2015), a principal ideia do Projeto Nova Luz, que culminou entre várias ações, com a construção da ETEC Santa Ifigênia, era contribuir com a paulatina “eliminação do estigma da ‘Cracolândia’”. As mudanças objetivaram resolver o problema que a Cracolândia representa na área central de São Paulo, que teoricamente seria o responsável pela baixa atratividade da área, buscando assim atrair empresas para a região, construindo para isto o cenário de uma “governança forte e presente”.

Apesar do aumento do número de unidades habitacionais e da criação de novas instalações públicas - como é o caso do próprio Centro Paula Souza, na figura da ETEC Santa Ifigênia, essas transformações espaciais não atingiram seus objetivos primários e a permanência do estigma sobre a região ainda se dá, inclusive pela proximidade da chamada concentração de usuários de drogas da ETEC Santa Ifigênia. Destaca-se, a entrega de conjuntos habitacionais que fizeram parte das inúmeras transformações urbanas da região nos

⁵ Para mais informações, consultar Vaz (2009).

⁶ MORAIS, J. L. L de; FREITAS, W. A de; DOURADO, J. Interesses e conflitos na “Cracolândia da Luz”: uma abordagem geográfica. **Revista Espaço e Geografia**, v. 21, n. 1, p. 105–137, 2022.

últimos anos, como os Complexos Júlio Prestes I e II, com 1.202 apartamentos e o Complexo Mauá, composto por 210 apartamentos; além de uma série de outros empreendimentos habitacionais privados.

Pode-se atrelar o processo a uma tentativa de gentrificação, que Smith (2007) compreende como um “renascimento urbano”, uma transformação socioeconômica de um bairro ou região, levando a substituição dos antigos moradores por novos, preferencialmente de classes sociais de melhor poder aquisitivo. Não há o objetivo nesse trabalho em discutir a consolidação do processo de gentrificação na região central de São Paulo, onde se encontra a ETEC Santa Ifigênia, mas autores como Uchôa (2014), Cavedini (2019), identificaram que as mudanças promovidas não “melhoraram” a região, dado que a Cracolândia permanece ali.

Em 2024, a concentração do chamado “fluxo” de usuários da “Cracolândia” estava a cerca de 200 metros da unidade escolar estudada neste trabalho, na Rua dos Protestantes entre as esquinas com as ruas Vitória e dos Gusmões. Havia uma certa rotatividade da “localização da Cracolândia”, que assumia diferentes espaços na área central de São Paulo (Arruda, Costa e Pasquim, 2024). O terreno ocupado pela ETEC Santa Ifigênia, no quadrilátero formado entre as ruas General Couto de Magalhães, Aurora, dos Andradas e dos Timbiras, esteve no centro das reformas urbanas realizadas pelo governo estadual e pela prefeitura de São Paulo a partir de 2007. Conforme Gatti (2015), neste terreno havia alguns cortiços, construções que datavam de diferentes períodos do século XX, além de outros usos espaciais, e, após as reformas, houve alteração na paisagem urbana devido às demolições e construção da ETEC.

Presentemente, a sede do Centro Paula Souza e a ETEC Santa Ifigênia ocupam um território marcado por inúmeras disputas e conflitos e quanto ao uso e pertencimento daquele território, a ETEC Santa Ifigênia, em seus onze anos de existência naquele endereço, ocupa uma posição ambígua. Apesar de trazer estudantes de diferentes regiões para uma área demarcada como “problemática” pela prefeitura municipal de São Paulo, pouco atende a moradores de seu entorno; pois grande parte de seu corpo discente reside a muitos quilômetros da escola. Assim, a ETEC ainda não ascendeu a um lugar de “escola da comunidade”, sendo, ao menos pela questão do deslocamento de seus estudantes, uma escola de passagem.

Essa característica é percebida quando se analisa a turma vespertina do primeiro ano de MTEC em Gastronomia: apesar de o número de habitantes da região ter aumentado no último censo, nenhum dos trinta e seis alunos entrevistados reside no bairro de Santa Ifigênia, nem ao menos no distrito da República. Quando questionados em relação ao entorno da escola, em geral, as respostas têm um cunho negativo, corroborando os estigmas citados por

Gatti (2015).

A partir da coleta de dados e informações, descritas no quadro 1, observou-se que a hostilidade, a onipresença de usuários de drogas e a sensação de insegurança são elementos que presentes nas respostas dos questionários: “o local não é muito agradável; é perigoso e hostil”; “não gosto muito, porque tem muitos usuários de drogas e assalto”; “se não fosse perto da Cracolândia poderia ser melhor”; “os pontos negativos são o alto fluxo de usuários e o odor insuportável”. Esse teor é bastante presente em quase todas as dissertativas dos alunos da turma. Por outro lado: “eu não acho os arredores tão perigoso [sic] quanto as pessoas dizem, é uma questão de costume”. Essa mesma resposta elenca um dos motivos positivos que é ressaltado por outros estudantes em relação ao entorno: “eu gosto do fato de ter tudo muito perto”.

Essa proximidade a “tudo” é destacada em uma série de outras respostas, às vezes até em respostas que elencam os pontos negativos do entorno. Compreende esse “tudo” diversos modais de transporte (ônibus, trem, metrô), comércio, serviços e equipamentos culturais. A proximidade às estações de trem e metrô, por exemplo, é citada em oito respostas. Outro ponto de destaque que as respostas trazem é a possibilidade de se conhecer “lugares incríveis”, como o “mercadão” (Mercado Municipal de São Paulo).

A estação mais próxima da ETEC Santa Ifigênia é a Luz, que atende diferentes modais de transporte sobre trilhos: Linha 1 – Azul do Metrô; Linha 4 – Amarela da ViaMobilidade; e Linhas 7 – Rubi e 11 – Coral da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos- CPTM. Algumas respostas que complementaram a relação positiva dos estudantes com o entorno da escola foram: “É interessante estudar no centro de SP”; “é uma oportunidade enorme de se conhecer pessoas e coisas novas”; “os pontos positivos são a facilidade de achar coisas”.

A localização da escola, embora “estratégica”, pode ser entendida também como um ponto negativo, sobretudo para os alunos que assinalaram já ter cogitado mudar de ETEC. Trata-se da minoria: catorze alunos (38,89%) dos trinta e seis entrevistados responderam já ter cogitado a transferência e trouxeram diferentes pontos que levam a essa vontade. Além de motivações pessoais, falta de entrosamento com o curso, dificuldade em relação ao horário, desentendimento com colegas e outras justificativas apresentadas, a questão da localização (seja pelos pontos negativos do entorno, ou pela distância em relação à casa) é citada por cinco estudantes que já pensaram em mudar de ETEC. Esse é um ponto que deve ser considerado para compreender melhor a relação entre os alunos e a unidade escolar. Vinte e dois estudantes (61,11%) responderam não ter pretendido mudar de escola.

A permanência dos alunos na turma aqui analisada representa um alívio em relação a uma constante preocupação da ETEC. Antes de o MTEC em Gastronomia existir, o alto índice de evasão dos alunos do curso técnico em Cozinha da ETEC Santa Ifigênia fora objeto de investigação de um professor-pesquisador da unidade escolar. Nascimento (2019) levantou dados a partir de 508 documentos de trancamento, transferência ou desistência do curso, preenchidos pelos estudantes da unidade entre 2013 e 2018. Esses documentos traziam, entre outras informações, os motivos relatados pelos estudantes que levaram ao abandono do curso.

Para a análise, foram consideradas algumas particularidades do curso de Cozinha na ETEC Santa Ifigênia, a exemplo do pouco conhecimento quanto à oferta do curso, tendo em vista que a unidade é recente frente a outras ETECs. Um segundo fator é a proximidade desta ETEC a outras unidades que ofertam o mesmo curso técnico (em um raio de dez quilômetros, outras duas unidades, mais antigas e mais conhecidas – ETEC Camargo Aranha e ETEC Carlos de Campos – também ofertavam o curso de Cozinha).

Nascimento (2019) constatou que, entre 2013 e 2018, o principal motivo da desistência dos estudantes foi “dificuldade em conciliar escola com trabalho e/ou outros cursos (Ensino Médio, pré-vestibular etc.)”, citado em 37% dos documentos levantados na pesquisa e dentro dos eixos propostos pelo autor, este motivo se enquadra como “Pessoal”. Outros problemas de ordem pessoal, como “doença, desemprego e gravidez” (11,02%) e “falta de recursos para aquisição de materiais escolares e transporte” (11,02%) são bastante citados. Questões relacionadas à localização da unidade pouco são alegadas pelos estudantes desistentes e apenas 2,95% dos estudantes pontuaram em seus documentos a “Dificuldade em ir às aulas - reside distante da Escola, mudou de endereço (residência ou trabalho) ou falta de transporte”.

Conforme levantado na presente pesquisa, a distância da escola e a sua localização são pontos elencados pelos alunos que já pensaram em mudar de ETEC, ainda que não figurem entre os principais motivos que os levaram a esse pensamento. Considerando o grande número de alunos matriculados na turma (37 de 40), os deslocamentos, ainda que distantes e complicados, não são impeditivos desses alunos frequentarem a escola. Para entender melhor a espacialidade dessa relação casa-escola, foram analisadas as respostas dos estudantes acerca dos deslocamentos e, na sequência, a partir dos endereços preenchidos no questionário, apresenta-se a visualização dessa espacialidade, a partir do georreferenciamento dos dados coletados.

4. MORAR LONGE DA ESCOLA

Uma das questões do questionário referia-se às formas de deslocamento: (1) apenas a pé; (2) bicicleta; (3) ônibus; (4) metrô; (5) CPTM; (6) carro de aplicativo e (7) carro de família. Dos trinta e seis questionários coletados, nenhum estudante vai à escola somente a pé ou de bicicleta: todos necessitam de diferentes meios de transporte para percorrer grandes distâncias. Poucos alunos utilizam carro de aplicativo (citado três vezes) e o carro de família (citado cinco vezes), pois os meios de transporte públicos são usados por todos os alunos da turma. Entre os trinta e seis questionários, alguns estudantes utilizam somente um meio de transporte e alunos que precisam de três modais para se deslocar (ônibus, metrô e trem, por exemplo). Vinte e três estudantes utilizam ônibus no deslocamento casa-escola-casa; vinte e um estudantes utilizam metrô; vinte e três estudantes utilizam trem (CPTM).

Acerca do tempo de deslocamento na ida a escola: (44,44%) demora entre uma hora e uma hora e meia, enquanto 36,11% demoram entre trinta minutos e uma hora no trajeto. Menos de trinta minutos de deslocamento é a realidade para cinco estudantes (13,89%) e somente dois estudantes (5,56%) demoram mais de uma hora e meia nesse trajeto. Sobre os deslocamentos na volta da escola às suas residências, ocorrem algumas alterações: os períodos de entre meia hora e uma hora, e entre uma hora e uma hora e meia, possuem a mesma quantidade de alunos (15 cada, ou 41,67%). O deslocamento acima de uma hora e meia cresce (quatro estudantes, ou 11,11%) e o tempo mínimo de menos de meia hora diminui (para dois estudantes, ou 5,56%).

O percentual apresentado pelos deslocamentos dos alunos da ETEC Santa Ifigênia é semelhante aos dados gerais de deslocamento na capital paulista revelados pela Rede Nossa São Paulo, em setembro de 2024. O paulistano leva em média uma hora e trinta e oito minutos para se deslocar de sua casa até a principal atividade do dia, chegando a duas horas e vinte e cinco minutos o tempo médio de deslocamento diário⁷. Considerando a idade dos alunos, há uma aceleração no processo de deslocamentos pela cidade e pela região metropolitana de São Paulo, pois, inseridos no mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio, provavelmente esses estudantes serão submetidos a esses tempos de deslocamento Bertazzo (2008).

O tempo médio de deslocamento dos alunos encontra-se entre uma hora e três horas e o tempo de permanência na unidade de ensino refere-se principalmente ao período de aulas

⁷ Disponível em:

https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/01/Viver-em-Sao-Paulo_Mobilidade_completa.pdf

(cinco horas e vinte minutos). Foram questionados os tempos de permanência antes e depois das aulas, sendo que doze estudantes (33,33%) chegam pontualmente para as aulas e catorze (38,89%) chegam com até quinze minutos de antecedência, cinco estudantes (13,89%) chegam com mais de quinze minutos de antecedência e quatro alunos alegam chegam atrasados. Acerca do tempo de permanência depois das aulas, quinze alunos (41,67%) ficam menos de quinze minutos enquanto vinte e um (58,33%) permanecem mais de quinze minutos após a aula, sendo o tempo de permanência justificado pelo jantar ofertado pela escola aos estudantes.

O questionamento acerca do tempo de permanência antes e depois das aulas ajudou a nortear as relações de identidade e pertencimento criadas pelos estudantes com o espaço escolar. Para Silva (2018), “o sentido de pertencimento escolar que se considera como modelo para o alunado é aquele que privilegia além do conteúdo curricular, a emoção e a afetividade que o espaço escolar possa proporcionar a toda a comunidade envolvida.” Para tal, “entende-se que as relações de identidade e pertencimento ao lugar são mescladas no processo de apropriação e territorialização do espaço”. É comum na idade escolar construir-se vínculos afetivos duradouros, erigido tanto nos períodos de aula quanto nos tempos anteriores e posteriores às atividades desenvolvidas em sala de aula. Devido ao fato da maioria dos estudantes residir longe da escola e da casa de seus colegas, os tempos anteriores e posteriores às aulas, bem como os vinte minutos de intervalo (entre 16h e 16h20) são os momentos de fortalecimento de vínculo.

O pertencimento escolar foi tema de outras perguntas do questionário, a exemplo das coisas que os alunos mais gostam na unidade escolar, cujas respostas envolveram as aulas práticas, os professores, estrutura da escola, colegas, cantina da escola e a alimentação servida no refeitório. Já as coisas que os alunos menos gostam, foram citadas a localização da escola, seguida por “alguns colegas”, “algumas aulas”, “alguns professores” e de forma esporádica: a “quantidade de regras desnecessárias”, ou a “falta de comunicação com a coordenação”. Apenas a questão da localização foi homogênea nas justificativas apresentadas.

Em uma questão com múltipla escolha foi abordado diretamente o tema do pertencimento: “qual a sua relação de pertencimento com a escola em que estuda?”: 13 alunos (36,11%) assinalaram “gosto muito da escola e me sinto pertencente por conta do curso e dos professores; 29 alunos (80%) assinalaram “gosto muito da escola e me sinto pertencente por conta da relação que tenho com meus colegas”; 9 alunos (25%) assinalaram “gosto da escola mas me sinto pouco pertencente, pois é muito distante da minha casa; e somente 3 alunos (8,33%) assinalaram “não me sinto pertencente à escola. Conclui-se que as relações espaciais

dos estudantes estão presentes tanto na percepção em relação ao entorno da ETEC, amplamente descrita nas respostas, quanto nas experiências de deslocamento.

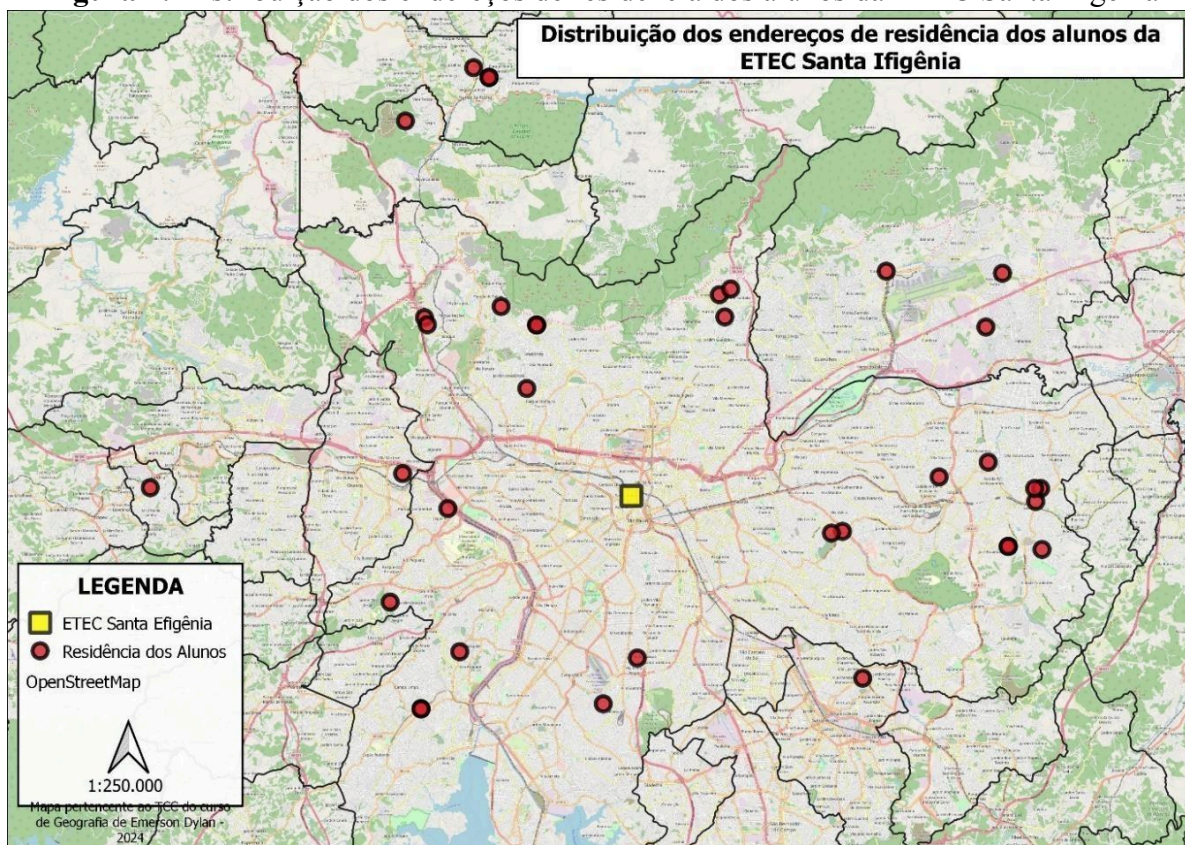
Os deslocamentos têm sido cada vez mais estudados pela Geografia, a exemplo de (Novack; Catelan; Spósito, 2024), que analisam os deslocamentos entre as residências e os locais das principais atividades (trabalho, escola, entre outras) sendo uma perspectiva interessante para análise das dinâmicas urbanas. Conforme os autores os deslocamentos estão relacionados às políticas de planejamento urbano, infraestrutura das cidades e aos modais de transporte, afetando diretamente a vida urbana e as práticas cotidianas. Dessa forma, a mobilidade desempenha um papel fundamental na vida urbana e nas práticas cotidianas. A própria relação de deslocamento de alunos de escolas técnicas estaduais já foi objeto de estudo (BASSO, 2021), ainda que o trabalho se detivesse sobre cidades médias do interior paulista.

Os estudantes preencheram o primeiro campo do questionário com seus endereços residenciais, sem se identificarem, sendo solicitados o logradouro, o número e o CEP da residência, objetivando maior exatidão cartográfica para georreferenciar os dados levantados, porém alguns estudantes responderam de forma incompleta. Desta forma, foram aproveitados trinta e dois endereços para possibilitar uma análise socioespacial e elaborar o mapa (figura 2).

Nove alunos da turma (25%) residem na Zona Leste da capital; oito alunos (22,22%) na Zona Norte; cinco alunos (13,89%) na Zona Sul e um (2,78%) na Zona Oeste. Nove estudantes (25%) são moradores de municípios da Região Metropolitana de São Paulo, sendo três de Guarulhos, três de Franco da Rocha, um de Caieiras, um de Taboão da Serra e um de Santo André. A ausência completa de residentes não só no bairro de Santa Ifigênia e da República, como em praticamente toda a região do centro expandido de São Paulo é expressiva.

Tabulados os endereços disponibilizados pelos estudantes, foi elaborado um mapa através do programa gvSIG a partir do *OpenStreetMap*. Essa representação (Figura 2) ajuda a dimensionar o quanto os estudantes da turma residem longe da escola e como são dependentes de transporte público. As residências dos alunos estão representadas com pontos vermelhos, enquanto a ETEC Santa Ifigênia está representada com um quadrado amarelo. No mapa, optou-se por deixar os limites municipais evidentes.

Figura 2: Distribuição dos endereços de residência dos alunos da ETEC Santa Ifigênia



Org: autores (2026).

Alguns dos endereços relatados pelos alunos são próximos a estações de trem e metrô, o que explica o alto índice de alunos que se utilizam do transporte sobre trilhos sem a necessidade de utilizar outro meio de locomoção. A localização da ETEC Santa Ifigênia, no centro de São Paulo e próximo às estações de trem e metrô, possibilita a interligação com todas as diferentes regiões onde os alunos residem, sendo o corpo discente espalhado geograficamente. Por outro lado, é notável o espalhamento dos pontos que demarcam os locais de residência, demandando que a escala de visualização do mapa precisasse ser 1:250.000.

Compreende-se o papel de escola de passagem desempenhado pela ETEC Santa Ifigênia, através da visualização cartográfica (figura 2). A ausência de alunos desta turma morando na proximidade reflete acerca do lugar ocupado pela instituição no entorno: não há demanda de estudantes do bairro por um ensino médio com habilitação profissional de técnico? Os estudantes do entorno não chegam a ingressar por conta da demanda do vestibulinho? O curso oferecido não se relaciona com as necessidades do bairro?

Entretanto, a procura dos alunos moradores de diferentes regiões por uma escola tão longe de casa demonstra que a ETEC cria um sentimento de interesse dos vestibulandos,

devido aos cursos oferecidos, estrutura, proximidade a uma estação ferroviária/metro com tantas conexões. A permanência desses estudantes, em um cenário por vezes marcado por evasões, indica que a ETEC acaba cumprindo um papel de pertencimento aos alunos, complexificando a noção de ser “somente” uma escola de passagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ETEC Santa Ifigênia possui particularidades, que lhe concedem o lugar de escola de passagem. A estrutura da escola foi inaugurada em um contexto de revitalização urbana de uma área marcada por estigmas sociais, mas o complexo do qual a ETEC faz parte não ajudou, necessariamente, a transformar, ou a gentrificar a região onde está inserida. A inauguração da escola possibilitou uma ampliação de vagas de ensino médio e técnico na região, em um contexto de aumento do número de moradias no entorno. Entretanto, após uma década, a escola ainda pouco atende estudantes da proximidade, caracterizando-se, assim, como uma escola de passagem, não uma “escola de comunidade”.

Os dados relativos aos questionários aplicados, demonstraram que as distâncias percorridas pelos estudantes, muito se assemelha com as distâncias percorridas pela maioria da classe trabalhadora residente na Região Metropolitana de São Paulo, o que por um lado acelera as vivências urbanas às quais esses estudantes serão condicionados quando ingressarem no mercado de trabalho, em contrapartida os expõem aos cansaços e estresses que os deslocamentos provocam na população. As respostas analisadas no questionário apontaram que, apesar dos expressivos deslocamentos, a turma analisada demonstra um vínculo de pertencimento à escola, principalmente por conta da estrutura oferecida pela instituição, pelas aulas e pelo corpo docente, que figuram entre os pontos positivos da escola mais destacados, além do convívio com os colegas. Ainda que o entorno da escola, com sua sensação de insegurança e inúmeros problemas sociais sejam lembrados como pontos negativos, na turma analisada a maioria dos alunos alega não ter jamais cogitado mudar de escola.

A noção de pertencimento complexifica a ideia de escola de passagem: uma vez que o corpo discente reside longe da ETEC e se submete a horas de deslocamento através de transporte público, poderia supor-se um cansaço e um desinteresse nos estudos. Mas, apesar das longas distâncias, o pertencimento escolar e as oportunidades ofertadas pela instituição fazem com que vínculos se fortaleçam e, assim, a noção de trânsito dos estudantes nessa

turma possa até ser uma realidade; mas a vivência escolar se torna algo mais que mera passagem.

Ao propor futuras soluções para problemas de evasão, aumento de demanda nos cursos e melhorias no espaço físico, a ETEC Santa Ifigênia pode levar em conta seu histórico e sua inserção na região estigmatizada (que, na visão dos estudantes, é o principal ponto negativo da escola). Entretanto, não se pode excluir a compreensão do lugar em que ocupa para estudantes provenientes de regiões tão díspares da metrópole paulista. A ETEC Santa Ifigênia é uma escola de passagem, capaz de formar uma identidade e um pertencimento a alunos tão diversos capitaneando uma centralidade tão característica da região em que está inserida e promovendo espacialidades no tocante ao seu corpo discente.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, M. S. B., COSTA, R. M., & PASQUIM, H. M. (2024). Uma cronologia da Cracolândia: disputas fossilizadas abaixo do asfalto. **Boletim Do Instituto De Saúde - BIS**, 25(1), 15–27.

BASSO, F. A. **Caracterização das viagens realizadas por estudantes de escolas técnicas estaduais (ETECs) dos municípios de Assis, Palmital e Ourinhos**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2021.

BASTOS, S., SALLES, M. do R.; BUENO, M.S. História urbana e hospitalidade: o Bairro de Santa Ifigênia/São Paulo. **Anais**. V Seminário Anptur – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Belo Horizonte, 2008.

BERTAZZO, Â. B. S. **Estimativa e avaliação do padrão de viagens geradas para instituições de ensino médio**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Transportes. Faculdade de Tecnologia, Universidade de Brasília. Brasília. 2008.

CAVEDINI, R.C. A gentrificação da Cracolândia na cidade de São Paulo: a materialização do pensamento higienista. In: **Simpósio Brasileiro de Geografia Urbana - Simpurb**, Vitória, 2019.

CASTROGIOVANNI, A. C. Uma Contribuição ao estudo da Geografia: A Noção da Espacialidade e o Estudo da Natureza. **Geografia: Pesquisa e Prática Social**, São Paulo, v. 1, p. 109-118, 1996.

EMPLASA. Regiões Metropolitanas de São Paulo. World Wide Web, <http://www.emplasa.sp.gov.br/>, 5 abr. 2005.

FRANÇA, G. C. **Urbanização e educação: da escola de bairro à escola de passagem**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GATTI, S. F. **Entre a permanência e o deslocamento: ZEIS 3 como instrumento para a manutenção da população de baixa renda em áreas centrais**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

IBGE. **Censo demográfico de 2022**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>

IBGE. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html>

MORAIS, J. L. L de; FREITAS, W. A de; DOURADO, J. Interesses e conflitos na “Cracolândia da Luz”: uma abordagem geográfica. **Revista Espaço e Geografia**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 105–137, 2022.

NASCIMENTO, H. S do. **Desistência de curso técnico em cozinha: razões alegadas pelos alunos**. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

NOVACK, P N; CATELAN, M J; SPOSITO, E. S. Percursos Casa-Trabalho-Casa: compreendendo a mobilidade urbana e o direito à cidade nas áreas periféricas de São Paulo e Dourados. **Revista Geotemas**, v. 14, p. 01-24, 2024.

RAMOS, A. W. Espaço tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do “bairro” da água branca. **Revista do Departamento de Geografia** – Departamento de Geografia da FFLCHUSP, São Paulo, n. 1, p. 65-75, 1982.

SÃO PAULO. **Decreto nº 59.334**, de 01/07/2013 - Altera a denominação da ETEC Nova Luz. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/170608>

SÃO PAULO. **Decreto nº 58.060**, de 21 de maio de 2012 - Cria a Escola Técnica Estadual - ETEC Nova Luz, no Bairro da Luz, Município de São Paulo. Disponível em:
<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2012/decreto-58060-21.05.2012.html>

SILVA, A. M. S. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p. 130-141, 2018.

SMITH, N. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 1, p. 15–31, 2007.

UCHÔA, F.R. Espaços e Imagens da Gentrificação no Centro de São Paulo. **Revista Novos Olhares - Vol.3 N.2**, 2014.

VAZ, A. **O projeto Nova Luz e a renovação urbana na Região da Luz: o espaço urbano como condição e produto da acumulação e como espaço de reprodução da vida**. 2009. 137 f. Dissertação (mestrado) apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2009.